

domingo

domingo@jt.com.br

Universidades pedem socorro: pesquisa no Brasil está em plena crise

Sem bolsas para os seus pesquisadores e com verbas tão reduzidas que até a compra de revistas científicas foi suspensa, o professor da Universidade de São Paulo (USP) João Zanetic está lutando para manter o seu projeto na Universidade em que ensina. Presidente da Comissão de Pós-Graduação Inter-Universidades de Ensino de Ciências – um programa de pesquisa que já existe há 25 anos e envolve cerca de 50 pessoas – ele conta que a situação está difícil.

“Tínhamos 16 bolsas para nossos 40 alunos, o que já era pouco. Agora, ficamos com apenas 8. Até a verba para compra de periódicos diminuiu.” Tentando contornar a situação, um aluno de pós-graduação da universidade, que preferiu não se identificar, contou que alguns integrantes de grupos de pesquisas estão fazendo acordos informais e dividindo as bolsas.

Contenção de despesas

Zanetic é um dos educadores que está vivendo a crise da pesquisa. Com a contenção de despesas nos ministérios da Educação (MEC) e da Ciência e Tecnologia (MCT), a produção científica, que depende dos recursos que o governo federal envia por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do MEC, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do MCT, está quase parada e não há expectativa de melhora a curto prazo. A crise chegou até o Estado de São Paulo – onde estão localizados os centros de excelência do País – e, em outros Estados, como Paraná e Pernambuco, a situação é ainda pior (leia texto abaixo).

Assim como Zanetic, a coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, Zilda Marcia Iokoi, não consegue continuar seu projeto. “Em 98, recebemos R\$ 54 mil da Capes para as pesquisas – o que já era insuficiente – e, agora, o orçamento foi reduzido para R\$ 40 mil. Não dá para trabalhar.”

Ela também conta que, das 38 bolsas solicitadas ao CNPq, apenas 7 foram concedidas e que o conselho parou de mandar os R\$ 800 mensais que estavam programados. “É impossível concluir os projetos no prazo, não temos recursos e até a infra-estrutura está prejudicada. Nos laboratórios, estamos pirateando softwares para podermos trabalhar.”

Na Universidade Estadual Paulista (Unesp), o problema é

Cortes nos orçamentos dos ministérios da Educação e da Ciência e Tecnologia reduziram as verbas destinadas a pesquisas. Às voltas com recursos cada vez mais minguados, os pesquisadores resistem como podem: há até quem esteja pagando do próprio bolso a comida para animais de laboratório



o mesmo. A professora de pós-graduação de Literatura Tânia Macedo conta que seu único aluno que tinha uma bolsa do CNPq para desenvolver uma pesquisa sobre as relações entre Brasil e Cabo Verde foi cortado no ano passado. “Ele teve de começar a trabalhar para se sustentar e o projeto, que seria desenvolvido em 30 meses, precisará ter o prazo estendido. Por enquanto, está tudo parado.”

Situação delicada

Apesar de ter o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) – que vem aumentando seus investimentos –, a situação na Unesp está delicada. “Neste ano, as coisas ficaram complicadas”, afirma o reitor da instituição, Antônio Manoel Silva. “Nosso orçamento estava previsto para R\$ 400 milhões – o mesmo de 98 –, mas ele deve sofrer uma redução de cerca de 6%, o que compromete o investimento em pesquisa.”

Silva explica que a maior parte da arrecadação do ICMS vai para o pagamento dos docentes e que apenas 1,8% acaba na pesquisa. “Esse percentual é baixíssimo, mas é o nosso limite. Apesar de os financiamentos externos no total terem crescido, esse aumento não compensa a perda do ICMS. Não dá para expandir.”

O pró-reitor de pesquisa da USP, Herman Chaimovich, também afirma que a verba investida em produção científica diretamente pela universidade está diminuindo: “Nossa arrecadação vem se reduzindo e o gasto com inativos aumenta a cada ano.”

Nos últimos dois anos, diz, o governo federal também parou de enviar alguns recursos. “A União tem uma dívida conosco de R\$ 24 milhões e os projetos sofrem. Não é possível desenvolvê-los no ritmo planejado. Se as universidades paulistas dependessem apenas da verba federal, a produção científica já teria entrado em colapso.”

Já o pró-reitor de pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Ivan Chambolle, se diz mais tranquilo. “O orçamento está comprimido, mas, apesar da crise, a verba para os projetos não tem diminuído”. Ele explica que o CNPq parou de apoiar alguns projetos, mas que os recursos enviados pela Fapesp cresceram nos últimos anos. “A Fapesp é o nosso grande reservatório e nossa produção científica continua caminhando.”

Daniela Tófoli

Estados em busca de opções

Em Minas, alguns docentes estão pagando seus próprios projetos. No Paraná, 2% da receita estadual serão investidos em pesquisas

Um dos locais onde a crise da pesquisa vem se agravando é a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Lá, a produção não avança por falta de verbas e os docentes chegam a pagar seus projetos. Segundo o pró-reitor de pesquisa da instituição, Paulo Sérgio Beirão, a situação, que já não era boa, começou a piorar em 98, quando a Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig), uma das principais financiadoras de projetos, suspendeu os recursos. Desde o fim do ano, o CNPq também parou de enviar verbas.

Risco de suspensão

“As bolsas dos 833 professores e alunos envolvidos nos 3,2 mil projetos até que estão sendo mantidas”, disse Beirão. “Mas, infelizmente, os principais financiadores não estão fomentando os projetos e eles correm sério risco de ser suspensos.”

O pró-reitor informou que há inúmeros casos de profes-

res que têm pago as pesquisas com dinheiro do próprio bolso. “No Instituto de Ciências Biológicas, por exemplo, são muitos os docentes que alimentam animais às próprias custas, porque, se não o fizerem, podem comprometer os projetos.”

No Paraná, a dificuldade para manter as pesquisas também é grande. A Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) tinha, em 95, 27 projetos de produção científica e recebia uma verba do CNPq de R\$ 115.680. Em 98, o número de projetos pulou para 64 e a verba continuou a mesma. O pró-reitor de pesquisa da universidade, Altair Justino, acredita que a falta de recursos e de um órgão exclusivo para fomento sejam os principais inimigos da pesquisa no Estado.

A reclamação, comum en-

tre os responsáveis pelas universidades paranaenses, já tem uma resposta. O Fundo Paraná, criado em janeiro de 98 pela Assembleia Legislativa, pode ser efetivado ainda este ano. “Ele será o receptor e o distribuidor de 2% da receita tributária do Estado em programas de desenvolvimento científico e tecnológico”, diz o secretário de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Estado, Ramiro Wahrhaftig.

Crítérios definidos

Ele acredita que, em breve, a secretaria já terá definido os critérios para apresentação e aceitação de projetos. “Devemos ter uma fonte permanente de financiamento.”

Já o pró-reitor de Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Paulo

Cunha, está tentando dar continuidade aos projetos da sua instituição: “Temos nos esforçado para manter o que já existe.” O CNPq reduziu o número de bolsas de 314, em 96, para 252 neste ano e a Capes, que em 95 destinou R\$ 2 milhões à universidade, enviou apenas R\$ 1,3 milhão em 98.

Para diminuir a “crise da pesquisa”, Cunha defende que seja adotada a descentralização da capacidade científica, como ocorre em países como Alemanha e Estados Unidos. “Nesses locais, há centros de pesquisa com laboratórios importantes em todas as regiões. Aqui, há uma grande concentração no Sul e Sudeste.” (Leia mais na página 2D)

Evaldo Magalhães, Ângela Lacerda e Evandro Fadel/AE



Ao lado, a professora Zilda Iokoi (1ª à dir.) e sua turma de pesquisadores. Acima, Antonio Manoel Silva, reitor da Unesp

A pesquisa nas universidades estaduais paulistas

Unesp			Unicamp**		
Verbas	1996	1998	Verbas	Números deste ano	
Fapesp	R\$ 25.719.370	R\$ 39.376.028	Fapesp	R\$ 15,5 milhões	Projetos de pesquisas
Capes	R\$ 16.646.317	R\$ 13.914.215	Capes	R\$ 10,5 milhões	4 mil
CNPq	R\$ 8.210.603	R\$ 8.354.006	CNPq	R\$ 21 milhões	Professores-pesquisadores
ICMS*	R\$ 6 milhões	R\$ 7 milhões	ICMS*	R\$ 1 milhão	1,9 mil
Total	R\$ 56.576.290	R\$ 68.644.249	Total	R\$ 48 milhões	
Números deste ano			1998 - Projetos		
Pesquisas	10 mil	Alunos de pós-graduação	Fapesp	R\$ 45,3 milhões	Alunos de pós-graduação
Professores-pesquisadores	3.230	7 mil	Capes	R\$ 7 milhões	10,2 mil
		Alunos de graduação envolvidos em projetos	Iniciativa privada	R\$ 65,3 milhões	Alunos de graduação envolvidos em projetos
		2 mil	Convênios	R\$ 24 milhões	1 mil
			Total	R\$ 120 milhões	

USP			
Verbas	1995	1997	Número de pesquisas
Fapesp	R\$ 70 milhões	R\$ 124 milhões	1995
Capes	R\$ 40 milhões	R\$ 43 milhões	19.768
CNPq	R\$ 89 milhões	R\$ 70 milhões	1996
ICMS*	R\$ 123,45 milhões	R\$ 111,41 milhões	19.781
Recursos da iniciativa privada	R\$ 4 milhões	R\$ 7 milhões	1997
Total	R\$ 326,45 milhões	R\$ 355,41 milhões	17.507

*Este valor se refere à parte destinada para pesquisa, sem os gastos com pessoal
 **A Unicamp não tinha os dados de investimentos em pesquisas dos anos anteriores
 Fapesp: Fund. de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, ligada à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia
 Capes: Coord. de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, ligada ao Ministério da Educação
 CNPq: Conselho Nacional de Desenv. Científico e Tecnológico, ligado ao Min. da Ciência e da Tecnologia
 ICMS: Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
 Fonte: universidades